



A Verdade

REVISTA MAÇÔNICA

A SAGA DOS HEBREUS

O INÍCIO DO MONOTEÍSMO,
A PROMESSA SAGRADA
E O EXÍLIO NA BABILÔNIA



A SAGA DOS HEBREUS

O INÍCIO DO MONOTEÍSMO,
A PROMESSA SAGRADA
E O EXÍLIO NA BABILÔNIA

Irmão Marcelo Plens

Loja 2 de Julho, 586 - Oriente de Dracena



Os objetivos deste trabalho são: **esclarecer, informar e facilitar o entendimento** dos Ilr.: acerca da formação e da constituição do monoteísmo judaico, com fundamento na Promessa Sagrada. Para isso, o estudo apresenta alguns fatos históricos e simbólicos importantes que influenciaram o exílio dos hebreus na Babilônia (após a destruição do Templo de Salomão por Nabucodonosor II em 607 a.C.)^{*}.

O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisas dirigidas e não pretende ser único em sua amplitude – nem tampouco uma verdade única, tendo em vista que a história antiga é repleta de simbolismos, interpretações e versões, limitando, até certo ponto, a organização e o entendimento dos fatos.

***Nota do Conselho Editorial:**

As diferentes traduções da Bíblia e especialistas no assunto apresentam divergências em relação à queda de Jerusalém e à destruição do Templo de Salomão. Na tradução feita pelo Padre Marcos Soares, chega-se à conclusão que esse fato ocorreu entre 590 e 589 a.C. Já a *Bíblia de Jerusalém* (Edições Paulinas), na nota a II Reis 25,8, diz que se trata do ano de 587 a.C., assim como John Bright, em *História de Israel* (São Paulo: Paulinas, 1975).

A formação dos reinos de Israel e Judá, a invasão de Nabucodonosor e o início do exílio na Babilônia

A história de Israel e de seu povo tem sido constantemente estudada e pesquisada, desde Flávio Josefo (historiador judeu do século 1º d.C.) até os historiadores mais recentes, provocando uma série de discussões e debates acalorados.

Percebe-se que é inevitável contá-la ou apresentá-la sem uma conotação específica de um povo que luta (desde suas origens), permanentemente, por sua sobrevivência e por seu estabelecimento em um local sagrado – prometido por Deus.

Trata-se de um povo que carrega sobre si, em toda a sua trajetória histórica, a esperança e o peso de uma promessa feita por Deus ao patriarca Abrão (Lopes, 2007).

Durante o governo de Roboão (filho do Rei Salomão – I Reis 11:43), o **Reino de Israel** foi dividido em dois: **Israel**, ao norte, tendo como cidade principal Samaria (reino formado por 10 das 12 tribos) e ao sul **Judá**, tendo Jerusalém como centro político e religioso (formado pelas tribos de Judá e Simeão) e, também a guarda do Templo de Salomão.

Após a divisão, a região passa a sofrer constantes investidas armadas dos reinos do Egito, da Assíria e da Babilônia, os quais, ao efetuarem a dominação, passavam a tributá-la excessivamente, explorando por meio da escravidão o seu povo.

No século 8º a.C. as 10 tribos do norte (Israel) foram totalmente tomadas pelos assírios e o reino do sul (Judá) sofreu com os egípcios (no século 7º a.C.), e, posteriormente, com os babilônios (no século 6º a.C.).

Em razão da excessiva tributação e exploração, em 607 a.C.,

os israelitas se rebelaram contra o rei da Babilônia², Nabucodonosor II³, e este, como punição, ordenou que seus exércitos destruíssem não só a cidade de Jerusalém como também o que os hebreus⁴ tinham de mais valioso: o **Templo de Jerusalém** (ou Templo de Salomão), cuja construção havia sido iniciada por Davi e concluída pelo seu filho Salomão.

Após devastar a cidade e destruir o Templo, Nabucodonosor ordena que o rei de Israel presencie a execução de todos os seus filhos – foi o extermínio de toda a Linhagem Real (apresentada no Livro dos Reis). Além disso, Nabucodonosor deporta os judeus para a Babilônia, iniciando a Diáspora Judaica.

De acordo com uma versão mais simbólica e alegórica, a explicação para o início da derrocada hebraica e a conseqüente destruição do Templo foi o tórrido romance vivido pelo Rei Salomão com a Rainha de Sabá (durante o período final da construção do Templo), que culminou com a quebra da Promessa Sagrada.

O Rei Salomão começou a construir o Templo no quarto ano de seu reinado seguindo o plano arquitetônico transmitido por Davi



Salomão



Após 70 anos de exílio na Babilônia, a reconstrução do Templo foi permitida graças ao imperador persa Ciro I, que concordou com o retorno dos hebreus para seu território, e também à liderança empreendida por Zorobabel (mencionado nos Evangelhos como filho de Sealtiel, neto do rei Jeoaquim, da descendência de Davi).

Segundo Lopes (2007): "Tudo isso é contado poeticamente pela Bíblia, porém podemos supor que as tomadas das cidades na Antigüidade vão além do que entendemos como trágico, sobretudo para um povo com os sentimentos de religiosidade que possuía. Essa terra, que agora eles perdiam, havia sido conquistada com muitas lutas, muitas guerras, muito sangue, além de ser um presente de Deus, uma promessa feita aos pa-

triarcas. O Templo representava a materialização do recurso dado por Deus para a remissão dos pecados do povo. Somente ali, segundo a lei judaica, os sacrifícios de animais poderiam ser aceitos para trazer perdão a todos e estabelecer o contato com a vontade divina; não podia haver outro lugar. Cada lugar da região tinha um significado, uma História e um nome que representavam a confirmação do pacto feito entre Deus e seu povo escolhido".

Ainda segundo Lopes (2007): "Os soldados inimigos entravam, derrubavam e queimavam tudo, invadindo os locais sagrados que somente o sumo sacerdote, uma vez no ano e com o sangue do sacrifício, podia entrar. As brasas do altar eram apagadas, as cortinas do Templo, rasgadas. Os famintos

moradores da cidade, que não eram mortos à espada, tinham suas barbas e cabelos cortados, como para servirem de escárnio diante dos inimigos. Cadáveres amontoavam-se pelas ruas, a nobreza era feita prisioneira seguindo a pé para uma terra desconhecida, impura (segundo a lei), com crenças e deuses diferentes: miséria, vergonha, dor, humilhação. Com a cidade cercada ninguém entrava nem saía, o que gerava vários problemas: cessava o abastecimento de produtos provenientes da agricultura e das trocas, aparecia a fome e a escassez de água. O lixo deixava de ser tirado das cidades, o que fazia com que houvesse a proliferação de diversas doenças; pestes que por si só causavam inúmeras baixas".

Durante a jornada de quase mil quilômetros para o exílio, os hebreus passaram a vislumbrar um futuro sombrio, e, quase sem esperanças, pois as tribos israelitas do norte também haviam sido deportadas e desapareceram permanentemente da história – a viagem foi registrada em um poema do livro dos Salmos⁵.

Durante o exílio, os hebreus tiveram a permissão para viver em colônias e, assim, conseguiram manter sua identidade religiosa, étnica e cultural. Apesar das dificuldades e dos obstáculos, eles resolveram lutar pela sobrevivência de seu povo e de sua história, a qual essa luta não foi feita com sangue e espadas, mas sim pela fé.

Ato I (o início) – Abrão e Moisés: a promessa sagrada e o início do monoteísmo

Os escribas⁶ hebreus consideravam o registro histórico dos fatos não só como algo sagrado, mas também como um marco para que seus descendentes pudessem compreender o que significava e motivava o exílio, lembrando-os que, no futuro, o povo hebreu ainda poderia regressar para Jerusalém (sua terra de direito) e retomar as suas origens.

Em todos os seus momentos livres os escribas registravam o passado através dos tempos, cujas narrativas, repletas de simbolismos, acabaram se constituindo no relato mais influente da história da humanidade: a **Bíblia Sagrada**. "Foi o primeiro registro humano em várias gerações" (Friedman, 1997). Os apontamentos serviam como um guia para os exilados. "Não era um relato histórico literal, mas sim a apresentação simbólica de como os hebreus interpretavam os fatos e os relatavam às gerações futuras", expõe o arqueólogo William Dever⁸ (2003). A Bíblia não precisava ser uma verdade literal para ser verdadeira em outros sentidos.

As histórias contavam que o pai de todos os judeus era **Abrão** (originário do hebraico: **אַבְרָם**, Avraham ou 'Abhrâhâm, significando pai da multidão e/ou pai elevado. Também denominado Abraão⁹). Ele nasceu na cidade de Ur¹⁰, na Mesopotâmia e, segundo o Livro Judeu de Tradições e Leis, nesta região os habitantes veneravam o céu e cada cidade reverenciava um corpo celeste diferente (politéistas).

O pai de Abrão, Taré, fabricava e vendia ídolos na cidade de Ur, mas Abrão não aceitava o conceito de religião de seu pai (também politeísta). Abrão foi o primeiro a perceber a existência de um só Deus no universo – que Deus criou os céus e a terra, e não o inverso (como observação histórica importante: muito antes de Abrão e Moisés existiu o faraó Akhenaton, no Egito Antigo, pai de Tutankhamon, que postulava a existência de um único Deus).

Segundo relatos históricos, assim que Abrão começou a divulgar sua crença em um único Ser Superior, ele teve uma visão sagrada e o próprio Deus, que lhe confiou uma missão: Abrão deveria deixar seus familiares para ser abençoado e governar todos os povos. "Certo dia, o Senhor disse a Abrão: sai da tua terra, e da tua parentela, e da casa

de teu pai, e vem para a terra que eu te mostrar. E eu farei de ti um grande povo, e te abençoarei, e engrandecerei o teu nome, e serás bendito. Abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as nações da Terra". (Genesis 12,1-3)

Inicia-se, então, para o futuro patriarca, uma longa jornada de peregrinação. "A tenda que havia plantado na véspera, ele a dobrava no dia seguinte, como um exilado que não tem domicílio permanente, e procura sua pátria."¹¹ (Santos: 2006).

A história conta ainda que o próprio Deus conduziu Abrão até uma terra perto do Egito, chamada Canaã. Lá, Ele colocou-o à prova: pediu que Abrão, como prova de fé, sacrificasse o seu filho único, Isaac. Abrão seguiu todas as determinações e no momento da execução um anjo do Senhor o impediu e assegurou-o de que Deus estava feliz e satisfeito com sua fé.

Sob o ponto de vista bíblico, Canaã¹² passou a simbolizar a terra entregue por Deus aos hebreus, a Terra Prometida.

Abrão era uma figura mítica, não importando sua existência ou não, mas sim sua representatividade para os hebreus: **ele representa o fim da idolatria e o início do culto monoteísta** (a adoração e servidão a um único Deus).

O resultado desse conceito monoteísta é a crença de que somos todos irmãos, bem-vindos na mesma Tenda.

No imaginário judaico Abrão é o hospitaleiro, o acolhedor. A relação de Abrão com Deus foi tão significativa para a história que ele se tornou uma das figuras mais importantes para a criação do islamismo e do cristianismo, além, é claro, do judaísmo.

Abrão não foi o único a exercer papel importante na história dos israelitas. Moisés também foi determinante, conforme relataram os escribas, já que o profeta participou de um dos momentos mais representativos e importantes da fé judaica: o momento em que Deus lhe passou seus preceitos por meio da Tábua dos Dez Mandamentos.

Moisés, profeta israelita da Bíblia Hebraica (conhecida entre os cristãos como Antigo Testamento),



